

## EU-TU E EU-ISSO DE MARTIN BUBER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORAS SOBRE ESCOLARIZAÇÃO DE SURDOS

Huber Kline Guedes Lobato<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Pará - UFPA*

### Resumo

Este artigo focaliza os pressupostos teóricos e metodológicos sobre a Teoria das Representações Sociais e os princípios filosóficos de Martin Buber acerca das atitudes Eu-Tu e Eu-Isso. O estudo surgiu do seguinte questionamento: que Representações Sociais são partilhadas por professoras sobre as atitudes estabelecidas com alunos Surdos no contexto escolar de Breves-Pará? Assim, temos como objetivo neste estudo analisar as Representações Sociais de professoras acerca das atitudes estabelecidas com alunos Surdos em Breves - Pará. A pesquisa se fundamentou em uma abordagem qualitativa, se caracterizando em uma pesquisa de campo e estudo de caso, sendo que foi desenvolvida com base na metodologia de pesquisa das Representações Sociais. Os procedimentos metodológicos elencados foram a observação no lócus e as entrevistas individuais com 05 (cinco) professoras de Breves-Pará. Para o tratamento dos dados coletados ou análise do corpus das respostas das professoras, utilizamos algumas técnicas de análise de conteúdo sugeridas por Bardin (2011). Os resultados deste estudo indicam que no contexto escolar são estabelecidas atitudes docentes ambivalente com os alunos Surdos, isto é, ora as atitudes Eu-Tu são instauradas no seio dessa interação, sendo que em muitos momentos ocorrem as atitudes Eu-Isso por parte de outros professores para com os alunos Surdos. Neste estudo concluímos que a escola precisa se posicionar de maneira crítica, em relação às atitudes Eu-Isso, que reproduzem as barreiras comunicacionais entre Surdos e ouvintes, em contrapartida precisa se tornar um ambiente de relações Eu-Tu, visando o respeito às diferenças linguísticas do aluno Surdo.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. Atitudes Eu-Tu. Atitudes Eu-Isso. Aluno Surdo.

---

<sup>1</sup> Possui Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Professor do Magistério Superior (Assistente) do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2006). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4553-8862>. E-mail: [huberkline@gmail.com](mailto:huberkline@gmail.com)

## ME-YOU AND ME-IT OF MARTIN BUBER: SOCIAL REPRESENTATIONS OF TEACHERS ABOUT SCHOOLING OF DEAF STUDENTS

### Abstract

This article focus on the theoretical and methodological assumptions about the Social Representation Theory e Martin Buber's philosophical principles concerning me-you and me-it attitudes. The study was originated from the question: which Social Representations are shared by the teachers about the attitudes established with the deaf students in the school context of Breves-Pará? This way, we have in this study the objective of analyzing the Social Representations of the teachers concerning the attitudes established with deaf students of Breves-Pará. The research is based on a qualitative approach, it is characterized as a field research and a case study, but it was developed based on the Social Representations research methodology. The listed methodological procedures were the locus observation and the individual interviews made with 05 (five) teachers from Breves-Pará. In order to analyze the collected data or corpus analysis of the teacher's answers, we used some content analysis techniques suggested by Bardin (2011). The results of this study point that, in the school context, teacher's ambivalent attitudes are established with deaf students, which means, sometimes the Me-You attitudes are instated in this interaction, but in many moments the Me-It attitudes occur by the teachers with the deaf students. We concluded in this study that the school needs to position itself in a critical way, relating to the Me-It attitudes, that reproduce communicational barriers between deaf and hearing people, on the other hand, it is need to become Me-You relation environment, aiming respect the linguistic differences of the deaf student.

**Keywords:** Social Representations. Me-You Attitudes. Me-It Attitudes. Deaf Student.

## EU-TU Y EU-ESO DE MARTIN BUBER: REPRESENTACIONES SOCIALES DE PROFESORAS SOBRE ESCOLARIZACIÓN DE SURDOS

### Resumen

Este artículo se centra en los presupuestos teóricos y metodológicos sobre la Teoría de las Representaciones Sociales y los principios filosóficos de Martin Buber acerca de las actitudes Yo-Yo y Yo-Eso. El estudio surgió del siguiente cuestionamiento: ¿qué Representaciones Sociales son compartidas por

professoras sobre las actitudes establecidas con alumnos Surdos en el contexto escolar de Breves-Pará? La investigación se fundamentó en un abordaje cualitativo, caracterizándose en una investigación de campo y estudio de caso, siendo que fue desarrollada en el estudio de las actitudes establecidas con alumnos Surdos en Breves - Pará. con base en la metodología de investigación de las Representaciones Sociales. Los procedimientos metodológicos enumerados fueron la observación en el locus y las entrevistas individuales con 05 (cinco) professoras de Breves-Pará. Para el tratamiento de los datos recolectados o análisis del corpus de las respuestas de las professoras, utilizamos algunas técnicas de análisis de contenido sugeridas por Bardin (2011). Los resultados de este estudio indican que en el contexto escolar se establecen actitudes docentes ambivalente con los alumnos Surdos, es decir, ahora las actitudes Yo-Tú son instauradas en el seno de esa interacción, siendo que en muchos momentos ocurren las actitudes Yo-Eso por parte de otros profesores para con los alumnos sordos. En este estudio concluimos que la escuela necesita posicionarse de manera crítica, en relación a las actitudes Yo-eso, que reproducen las barreras comunicacionales entre Sordos y oyentes, en contrapartida necesita convertirse en un ambiente de relaciones Yo-Tu, visando el respeto a las diferencias lingüísticas del alumno Sordo.

**Palabras clave:** Representaciones Sociales. Actitudes Yo-Tu. Actitudes Yo-Eso. Alumno Sordo.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, que é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Representações Sociais de professoras a respeito do Atendimento Educacional Especializado para alunos Surdos”, buscamos discutir sobre as atitudes Eu-Tu e Eu-Iso estabelecidas entre professores e alunos Surdos no contexto escola tida como inclusiva e no âmbito do ensino-aprendizagem de alunos Surdos.<sup>2</sup>

Nos embasamos na Teoria das Representações Sociais, enquanto um caminho entre o mundo individual e o mundo social, que se apresenta sob a forma de imagens, símbolos, modelos socialmente montados para caracterizar pessoas, situações e objetos (MOSCOVICI, 2003). Assim, percebemos que as

---

<sup>2</sup> A pesquisa foi desenvolvida no período de 2013 a 2015 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-UEPA).

Representações Sociais (RS) são formas de saberes, conhecimentos, ideias, opiniões, imagens e símbolos elaborados e partilhados pelos indivíduos em um determinado grupo social (MOSCOVICI, 2003).

As RS “têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordens e percepções, que reproduzem o mundo de forma significativa” (MOSCOVICI, 2003, p. 46). Sendo assim, torna-se relevante relacionarmos a abordagem das RS ao contexto da educação escolar e, mais precisamente, ao âmbito da escola que se diz inclusiva, espaço este em que as RS são partilhadas no contexto das ações docentes e atitudes estabelecidas entre professores e alunos.

Pontuamos que as ações docentes têm sido alvo de intensas discussões no que se refere as atitudes interpessoais, entre professor-aluno no contexto escolar. Essas atitudes provocam no professor e no aluno a presentificação de laços envolvidos com atos de bem-estar ou de mal-estar na escola, que podem ser metaforizados como atitudes de bem querer e mal querer:

No trabalho do professor, é possível presenciar e/ou vivenciar eventos que desencadeiam afetos prazerosos e desprazerosos que demonstram, seja de forma clara ou velada, que o mesmo profissional vive os dois lados da moeda, gozando, em fases distintas, o bem-estar e o mal-estar no ambiente em que interage.

A díade professor-aluno é o grande cerne da questão: seria o aluno o principal motor para sensações prazerosas ou desprazerosas que afetam o professor da escola? (SILVA, E. 2011, p. 61).

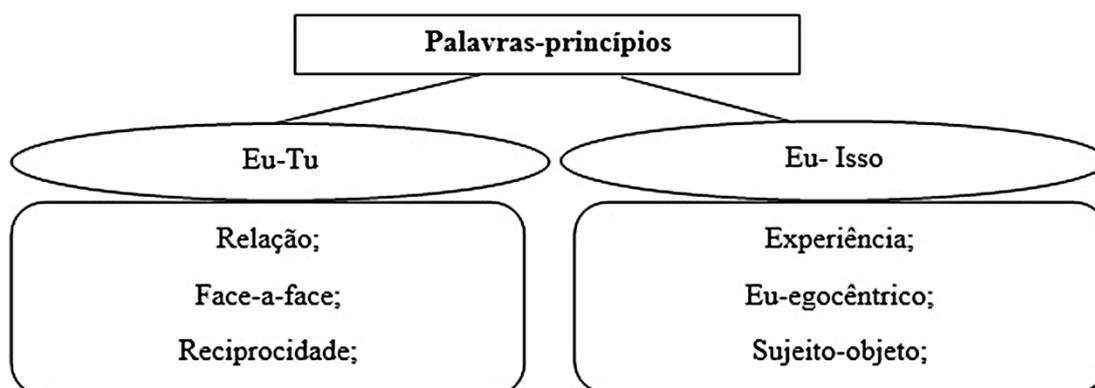
No âmbito dessas sensações vivenciadas por professores e alunos no ambiente escolar, se entrelaçam atitudes opostas de: amor e ódio; respeito e desrespeito; aproximação e distância; aceitação e rejeição; diálogo e indiferença; entre outras. Neste sentido, “o professor busca a pétala do bem me quer, mas sabe que a pétala do mal me quer em algum se presentifica” (SILVA, E. 2011, p. 73).

Assim, a metáfora do despetalar de flores em um bem me quer, mal me quer, demonstrado nas atitudes docentes, revelam RS que professoras elaboram sobre as atitudes Eu-Tu e Eu-Isso presentes, fortemente, no processo de

escolarização do aluno Surdo. É relevante destacar que utilizamos os pressupostos filosóficos atinentes as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, enquanto parte do movimento humano, sendo inseparáveis, alternando-se constantemente a cada relacionamento (BUBER, 2011). Desta maneira, buscamos compreender as atitudes estabelecidas entre professores e alunos Surdos no contexto da escola regular.

Os pressupostos buberianos refletem que “o mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípios que ele pode proferir” (BUBER, 2011, p. 51). Assim, essas palavras-princípios são formadas em pares, podendo ser Eu-Tu ou Eu-Isso dependendo da atitude que alguém destina a outra pessoa.

Figura 1: As palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso



Fonte: BUBER (2011).

O homem existe enquanto um ser em relação ou experiência com o mundo e/ou com outros homens. Desta forma, o homem torna-se fruto de suas atitudes, que são modos possíveis de existência: a relação Eu-Tu e a experiência Eu-Isso, as quais ambas são consideradas essenciais à vida humana (BUBER, 2011).

As atitudes Eu-Tu acontecem em um mundo de relações, que se realizam no encontro de forma imediata em um face-a-face, ou seja, nesta relação as atitudes se instauram de maneira dialógica, sendo que nesse encontro dialógico acontece a reciprocidade que é um elemento essencial a alteridade (BUBER,

2011). Na atitude Eu-Tu, a pessoa entra em relação com o outro e deixa-se atravessar pela presença viva deste outro.

O universo da relação Eu-Tu é quando existe o diálogo, em que os homens se relacionam entre si por meio de atitudes que são verdadeiramente recíprocas. É nesta relação que “o homem se torna Eu na relação com o Tu” (BUBER, 2011, p. 68) em que o encontro é imediato e face-a-face, não havendo atitudes de não-aceitação entre os envolvidos.

As atitudes Eu-Isso acontecem em um mundo de experiências que são centradas em particularidades egocêntricas, isto é, as palavras-princípios Eu-Isso se estabelecem por meio de um Eu egocêntrico ou egoísta que lida com o outro como um objeto passageiro e fugaz. Assim, sujeito e objeto se experienciam onde “a palavra-princípio Eu-Isso, a palavra da separação, foi pronunciada” (BUBER, 2011, p. 65).

As atitudes Eu-Isso, são regidas por objetivos intencionais e propositais, em que a “coisificação” do outro é o elemento que determina essas atitudes. No cerne das atitudes Eu-Isso o homem coloca-se diante do outro tratando-o como simples objeto e não se confronta com ele em um fluxo de ações recíprocas. O Eu é um ser egoísta e o outro um ser manipulável e apenas experimentável.

A partir destes pressupostos nos questionamos: que Representações Sociais são elaboradas por professoras sobre as atitudes estabelecidas com alunos Surdos no contexto escolar de Breves-Pará? Assim, temos como objetivo neste estudo analisar as representações sociais de professoras sobre as atitudes estabelecidas com alunos Surdos em Breves - Pará.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Segundo o IBGE (2014), Breves é um município do estado do Pará com uma área de 9.550,5 km<sup>2</sup> e fica distante a 12h de navio da capital Belém. Breves possui uma população de 97.351 habitantes, sendo considerada a cidade mais desenvolvida economicamente da região das ilhas do Marajó.

## METODOLOGIA

O ato da pesquisa refere-se a um conjunto de ações para encontrar a solução de um problema, mediante o uso de procedimentos científicos. Assim, “a pesquisa e seus resultados facilitam a reflexão, a crítica e a maior compreensão do processo educacional, que por sua vez ajudam a melhorar a prática pedagógica” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 39).

Neste sentido, a presente pesquisa se fundamentou em uma abordagem qualitativa, que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social” (MINAYO, 2015, p. 21).

A partir da abordagem qualitativa a investigação se caracterizou em uma pesquisa de campo, pois trata-se de uma “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo” (MORESI, 2003, p. 09).

A presente pesquisa foi desenvolvida com base na metodologia de pesquisa das RS. Os mecanismos de formação das RS, considerando a perspectiva moscoviana, são a ancoragem e a objetivação:

Ancoragem e Objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com o tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e produzi-los no mundo exterior para fazer coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2003, p. 78).

Com base na conceituação destes dois mecanismos, a intenção foi perceber no *lócus* da pesquisa como professoras de uma escola regular do município de Breves - Pará ancoram e objetivam conceitos, ideias, opiniões e percepções sobre o aluno Surdo. Destacamos que a Teoria das Representações Sociais, foi originada na Europa por Serge Moscovici no ano de 1961 e

desdobrou-se em algumas abordagens, que possuem significativas quantidades de “resenhas teórico-conceituais” (MENEZES, 2011, p. 90).

Tais abordagens são: a) abordagem processual ou perspectiva dimensional tendo como representante Denise Jodelet; b) abordagem estrutural ou perspectiva genética desenvolvida por Jean Claude Abric, tendo a contribuição de Flament; c) abordagem relacional / societal ou perspectiva psicossociológica inaugurada por Willem Doise, representante da Escola de Genebra e das proposições de Pierre Bourdier; d) abordagem dialógica que se pauta no conceito de dialogicidade de Ivana Marková.

Nesta pesquisa nos debruçamos mais diretamente sobre os postulados apresentados por Jodelet (2001), que revela que as RS se caracterizam como:

Saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido a sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Desta forma, as RS se constituem como conceitos, ideias e opiniões, constituídos a partir do senso comum, que são estocados na memória e representados na realidade social. As RS são produtos e processos de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade (JODELET, 2001).<sup>4</sup> Por meio desta pesquisa em RS compreendemos que “o conhecimento do senso comum é fundamental para se entender as formas de pensamento que dirigem e justificam as condutas e práticas sociais” (NASCIMENTO, 2004, p. 81).

Esta pesquisa se caracterizou como um estudo de caso, que é um tipo de pesquisa entendida como “uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60). Por meio deste estudo de caso buscamos coletar

---

<sup>4</sup> Na pesquisa adotamos as estratégias metodológicas fundamentadas na abordagem processual da Teoria das Representações Sociais com base em três eixos: quem sabe e de onde sabe? O quê e como sabe? Sobre o que sabe e com que efeitos? (JODELET, 2001).

materiais ou dados que evidenciem a rotina e os significados da vida humana em grupos sociais.

Desta forma, as participantes foram selecionadas a partir dos critérios a seguir: ser professora de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental que atuasse com Surdos; ser professora de sala de recursos multifuncionais ou realizando o AEE para alunos Surdos; ser professora que atuasse com a formação de professores na área da surdez em Centro de Atendimento Educacional Especializado; ser professora que quisesse participar voluntariamente da pesquisa.

Assim, inicialmente foi feito um levantamento junto à *Secretaria Municipal de Educação (SEMED)* sobre as escolas que ofertavam o AEE para alunos Surdos e sobre as professoras que atuavam com alunos Surdos. Feito isso, foram efetivados os procedimentos metodológicos, dentre os quais priorizamos a observação no *lócus* e as entrevistas:

As observações no *lócus*<sup>5</sup> ocorreram no período de 16 a 20/03/2015 e tivemos como propósito de observar o cotidiano e o processo ensino - aprendizagem dos alunos Surdos. A observação “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

As entrevistas individuais com as participantes da pesquisa foram realizadas nos meses de março a abril de 2015 com as 05 (cinco) professoras. A entrevista é conceituada como “uma técnica de investigação baseada em perguntas que são dirigidas a pessoas previamente escolhidas” (LUDWIG, 2009, p. 65). Sobre a tipologia da entrevista, utilizamos a entrevista semiestruturada, “que se baseia em questões específicas, porém sem ordenamento rígido” (LUDWIG, 2009, p. 66).

Para o tratamento dos dados coletados ou análise do *corpus* das respostas das professoras, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, a qual sugere o seguinte caminho: leitura flutuante das falas dos sujeitos, recorte das unidades,

---

<sup>5</sup> Neste momento, foi realizado a aplicação do questionário sociodemográfico padronizado na intenção de traçar o perfil das professoras que atuavam com alunos Surdos nas escolas de Breves-PA.

criação e validação de categorias, assim como interpretação e análise das categorias a partir dos recortes das unidades temáticas (BARDIN, 2011).<sup>6</sup> A partir da análise dos dados, fizemos as relações com a literatura pesquisada e, assim, evidenciamos duas categorias principais (atitudes Eu-Tu e atitudes Eu-Iso) que serão descritas no tópico que se segue.

É pertinente destacar que neste estudo utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com as participantes e o Projeto de Pesquisa foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e encaminhado por meio do sistema eletrônico da Plataforma Brasil, conforme Parecer Consubstanciado nº 561.954, datado em 21/03/2014.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORAS

Neste tópico, revelamos como as docentes partilham suas Representações Sociais a respeito das atitudes entre professores e alunos Surdos. Assim, primeiramente detalhamos as RS relacionadas às atitudes Eu-Tu e, em seguida, abordamos sobre as RS que se referem as atitudes Eu-Iso no universo da escolarização de alunos Surdos.

### Atitudes Eu-Tu no contexto da escolarização de Surdos

Para abstrairmos as RS das professoras sobre as atitudes Eu-Tu no contexto da escolarização de Surdos, fizemos o seguinte questionamento a cada professora: como você percebe as atitudes de reciprocidade estabelecidas com o aluno Surdo na escola? Neste sentido, sobre às atitudes Eu-Tu as professoras disseram:

*Eu percebo que os alunos Surdos têm mais afinidades com os professores que sabem a língua de sinais. No meu caso eu tenho*

---

<sup>6</sup> Para seguir uma sequência durante as entrevistas, utilizamos um roteiro contendo às principais perguntas que conduziram cada entrevista, organizadas em eixos temáticos a fim de facilitar as possíveis inserções de questões para obtenção de respostas mais aprofundadas relacionadas a cada eixo pesquisado.

*uma boa relação com os Surdos, acredito que seja por eu entender um pouco a Libras (Professora Andréa Simone, entrevista realizada em: 14/03/2015).*

*Alguns professores, mesmo não sabendo a Libras, se esforçam para que a pessoa Surda não se sinta excluída (...). Eu lido com respeito, atenção e afetividade, isso devido ao fato de saber a Língua Brasileira de sinais (Professora Luciana Úrsula, entrevista realizada em: 16/03/2015).*

*Considero-me uma pessoa próxima das pessoas Surdas por ter a comunicação em línguas de sinais com os mesmos, procuro ajudá-los no que é favorável ao bem comum de todos (Professora Uísis Raquel, entrevista realizada em: 17/03/2015).*

*Alguns professores demonstram respeito com os alunos (...). Eu sou bastante próxima, pois sempre que há oportunidade eles me procuram para expressar e desabafar suas angústias do âmbito familiar (Professora Natiely Dayane, entrevista realizada em: 27/03/2015).*

*Muitos [professores] têm uma boa relação (...). Tenho boa relação [com os alunos Surdos], tem alunos que aos finais de semana me procuram em casa para bater papo. Acho isso interessante (Professora Olga Odete, entrevista realizada em: 19/03/2015).*

**Quadro 1: As RS e as atitudes Eu-Tu**

Representações Sociais	
Ancoragem	Objetivação
Afinidade por meio da Libras;	A Libras é o fator que gera afinidade, boa relação e aproximação com os Surdos;
Relação mediada pela Libras;	Esforços e tentativas de comunicação em Libras favorecem a relação professor-aluno Surdo;
Diálogo em Libras;	Atitudes de respeito, atenção e afetividade são ocasionadas a partir da comunicação em Libras;
Aproximação por meio da Libras.	Diálogos e conversas em Libras são elementos que aproximam o professor do aluno Surdo;

Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2019).

Com base nas ancoragens e objetivações construídas pelas professoras a respeito das atitudes docentes com o aluno Surdo, percebemos que no ambiente escolar existem modos de relações Eu-Tu que ocorrem por meio de atitudes em

que o “Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro” (BUBER, 2011, p. 57).

Assim, evidenciamos que a forma essencial de estabelecer a relação, a afinidade e a aproximação com o aluno Surdo é mediante a comunicação em Libras. Em outras palavras, podemos dizer que a relação Eu-Tu entre professores e alunos Surdos no ambiente escolar dá-se em virtude de ambos conhecerem a língua de sinais e que essa relação tende a se tornar mais próxima a partir do momento em que o diálogo em Libras for proferido cotidianamente entre estes sujeitos.

Parto da premissa de que a linguagem se constitui na interação com os outros sujeitos e que, para tanto, não basta ensiná-la ao Surdo, é necessário inseri-lo em um diálogo, para que, por meio do processo de interação/interlocução, se possa chegar a construção de significados (SILVA, 2010, p. 40).

As professoras revelam situações de esforços e tentativas de comunicação; atitudes de respeito, atenção e afetividade por parte das professoras para com os alunos Surdos e também de outros professores com os alunos Surdos. Conforme os relatos das professoras este clima de interação ou interlocução ocorre mediante a comunicação em Libras com os alunos Surdos.

Assim, pensamos que:

É nesta relação que se pretendem estruturar novas representações sociais - representações que norteiam o sujeito, no sentido de uma aceitação da diferença e que, com isso, viabilizem a convivência generosa do sujeito, a despeito de quaisquer limitações, dentro do seu grupo social (SILVA, 2010, p. 47).

Com isso, esperamos que a relação Eu-Tu seja a cada dia vivenciada e fortalecida no contexto da escolarização do aluno Surdo e que a Libras passe a ser o caminho que norteie esta relação. Pensamos que a relação Eu-Tu entre professores e alunos Surdos é possível a partir do momento em que o Surdo for aceito como uma pessoa que tenha potencialidades efetivadas por meio da Libras, por sua vez, “isso só acontecerá quando sua língua, a língua de sinais, for, de fato, respeitada” (SILVA, 2010, p. 48).

A partir da comunicação em Libras professores e alunos Surdos podem confirmar o diálogo e a aceitação das diferenças, pois:

O verdadeiro voltar-se do seu ser para o outro ser inclui esta confirmação e esta aceitação. Naturalmente tal confirmação não significa, ainda, de forma alguma, uma aprovação; mas, no que se quer que seja que eu seja contrário ao outro, eu disse Sim à sua pessoa, aceitando-a como parceiro de uma conversação genuína (BUBER, 1982, p. 154).

Desta forma, cabe à escola se reestruturar de modo a cultivar a relação Eu-Tu entre professores, demais profissionais e alunos Surdos, reorganizando sua estrutura curricular para que a língua de sinais seja vivenciada em sala de aula, de modo a assegurar ao Surdo a possibilidade de, na sua língua, ter acesso ao conhecimento construído e partilhado socialmente.

### Atitudes Eu-Isso no contexto da escolarização de Surdos

Para abstrairmos as RS das professoras sobre as atitudes Eu-Isso no contexto da escolarização de Surdos, fizemos o seguinte questionamento a cada professora: como você percebe as atitudes de indiferença com o aluno Surdo na escola?

As professoras evocaram RS que se referem as atitudes Eu-Isso vivenciadas entre professores e alunos Surdos no âmbito escolar. Em especial as professoras entrevistadas argumentaram que, em muitas ocasiões, ocorrem apenas as atitudes Eu-Isso dos outros agentes escolares com os alunos Surdos.

*Há determinadas situações discriminatórias, pois alguns professores dão as costas devido não saberem se comunicar (...). As pessoas costumam fazer gestos desvinculados da Libras, que não tem nada a ver, como se a língua de sinais fosse apenas “macaquice” como alguns pensam e, também balbuciam imitando os Surdos, aparentando a comunicação oral do ouvinte (Professora Luciana Úrsula, entrevista realizada em: 16/03/2015).*

*Percebe-se que existe muita rejeição entre professores ouvintes e alunos Surdos, por conta da comunicação não existente entre ambos, isso acaba criando uma certa barreira entre os mesmos (...). Os preconceitos sempre vão existir, os*

*Surdos são vistos como incapazes e isso me faz sentir indignada, porque são pessoas que desconhecem as leis que garantem seus direitos. São poucos os que acreditam no potencial do Surdo (Professora Uisis Raquel, entrevista realizada em: 17/03/2015).*

*Alguns tentam se comunicar com eles [os alunos Surdos], porém, não há tanta aproximação, como poderia ter? Acredito ser devido alguns não saberem Libras (...). Certos alunos ouvintes fazem gracinhas, com apelidos de mau gosto com alguns Surdos (Professora Natiely Dayane, entrevista realizada em: 27/03/2015).*

*A comunicação é limitada [de alguns professores], em muitos casos é comunicação zero, necessitando sempre do professor do AEE para intermediar o diálogo (Professora Olga Odete, entrevista realizada em: 19/03/2015).*

## Quadro 2: As RS e as atitudes Eu-Isso

Representações Sociais	
Ancoragem	Objetivação
Situações discriminatórias;	A discriminação ao aluno Surdo, por vezes, parte do professor que não sabe Libras;
Uso de gestos e balbucios;	Algumas pessoas pensam que a Libras é formada por gestos e que todo Surdo oraliza;
Rejeição e preconceito;	A ausência da Libras gera atitudes de rejeição, recusa e preconceito entre Surdos e ouvintes;
Alunos Surdos como incapazes;	Os alunos Surdos são tidos com ideia de incapacidade no ambiente escolar;
Apelidos aos Surdos;	O <i>bullying</i> na escola, por vezes ocorre, do aluno ouvinte ao Surdo;
Intermédio do AEE.	O professor do AEE remove as barreiras comunicacionais.

Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2019).

As RS das professoras participantes das entrevistas ancoram-se e objetivam-se em ideias referentes às atitudes Eu-Isso de professores, profissionais e alunos ouvintes sobre o aluno Surdo. Seguindo os pressupostos filosóficos buberianos, “o homem experiencia o seu mundo. O que isso significa?

O homem explora a superfície das coisas e as experiencia” (BUBER, 2011, p. 52).

Neste sentido, “o mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio Eu-Isso” (BUBER, 2011, p. 53) que é capaz de produzir no homem particularidades egocêntricas distanciadas da relação Eu-Tu. As atitudes Eu-Isso são estabelecidas, não por relação, mas por experiência, ambição e desejos de lidar com o outro como simples objeto.

Assim, se no processo de escolarização do Surdo a relação Eu-Tu ocorre mediante a comunicação em Libras, por sua vez as atitudes Eu-Isso se estabelecem a partir da ausência desta forma de comunicação no convívio escolar. Isto significa dizer que a experiência Eu-Isso voltada aos alunos Surdos, conforme o relato das professoras, ocorre em virtude de alguns professores não saberem Libras; e que algumas pessoas no ambiente escolar acreditam que a Libras é apenas um conjunto de gestos e que todo Surdo oraliza.

Na escola “ser hábil no ouvir e produzir uma fala a partir das percepções da audição dá poder ao grupo de profissionais ouvintes para avaliar e conceituar o outro, diverso, localizado no lugar de deficiente” (LULKIN, 2010, p. 43). Logo, as atitudes pautadas na experiência Eu-Isso estão focalizadas em habilidades auditivas e orais, que por sua vez fazem com que alguns professores não busquem saber se comunicar com alunos Surdos por meio da Libras.

Desta maneira, os alunos Surdos são conceituados sob à ótica da deficiência, com isso, a Libras no ambiente escolar, é percebida como simples gestos e que todo Surdo consegue realizar a oralização. Sobre o fato da língua de sinais ser comparada a gestos ou até mesmo a mímicas, vejamos a seguir:

Quando me perguntam, entretanto, se a língua de sinais é mímica, entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não) com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta a ideia que muitos ouvintes têm sobre os Surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o Surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles (GESSER, 2009, p. 21).

Nessa perspectiva, compreendemos que as atitudes Eu-Isso são fortalecidas no ambiente escolar, por crenças e preconceitos que giram em torno da língua de sinais e da realidade surda, pois pensar que o Surdo se comunica apenas por meio de gestos, mímicas ou pantomimas<sup>7</sup> é uma maneira que alguns ouvintes encontram para expressar, por vezes sem conhecimentos, que a Libras é uma língua universal, artificial e sem gramática.<sup>8</sup>

Mencionamos ainda que “ser surdo, para muitos ouvintes desavisados, é ser um deficiente capaz, se submetido a treinamentos apontados como bons e necessário pela medicina, de ser ‘integrado pela fala’ a pessoas ‘normais’” (LOPES, 2010, p. 108). Com isso, alguns professores ouvintes, por não saberem Libras e desconhecerem a realidade surda, fortalecem as atitudes Eu-Isso, que são atitudes egocêntricas presentes no âmbito escolar.

Desta forma, “o Eu da palavra-princípio Eu-Isso aparece como egótico e toma consciência de si como sujeito de experiência e utilização” (BUBER, 2011, p. 90).<sup>9</sup> Pensamos que, caso a escola, por meio de professores e alunos ouvintes, continue a pensar o aluno Surdo como um ser que apenas gestualiza ou que se comunica por meio de balbucios ou oralização, irá provocar ainda mais atitudes Eu-Isso e gerar situações discriminatórias.

Tais situações são expressas por meio de RS das professoras entrevistadas, que indicam atitudes de rejeição, recusa e preconceito em relação aos Surdos ou até mesmo por meio da ideia de que os Surdos são incapazes de estabelecerem comunicação devido supostamente a língua ser limitada.

Na escola regular, o aluno Surdo encontra-se diante de alguns agentes que o desconhecem, mesmo vivenciando com este aluno cotidianamente; até mesmo, “muitos profissionais dessas escolas ainda não têm nenhum

---

<sup>7</sup> A pantomima refere-se a forma visual do objeto, em que o sinal representa o símbolo convencionalizado para aquele objeto (GESSER, 2009).

<sup>8</sup> O reconhecimento gramatical da Libras tem marca nos estudos descritivos do linguista americano William Stokoe em 1960 (GESSER, 2009).

<sup>9</sup> O termo “Egótico” possui a mesma carga semântica de egoísta, egocêntrico ou ser egotista (BUBER, 2011).

conhecimento da língua de sinais, cultura surda, história desse povo, etc. o que é um disparate nesse processo” (TESKE, 2014, p. 160).

O desconhecimento da língua de sinais e a atribuição de incapacidade direcionada ao aluno Surdo no ambiente da escola regular, podem ser as razões do fracasso escolar destes alunos, ou seja:

A impossibilidade de se falar para e pelos surdos, a impossibilidade dos surdos de falarem para e pelos ouvintes e por eles mesmos, e a impossibilidade dessas falas reunidas, visando a organização de uma política educacional que reconhece a diferença (SKLIAR, 2010, p. 25-26).

Ainda assim, torna-se relevante destacar que:

O que fracassou na educação dos surdos foram as representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são os seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que se refletem condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo (SKLIAR, 2010, p. 18-19).

A imposição do acesso comunicacional unicamente pela língua portuguesa oral provoca a exclusão do Surdo, uma vez que o canal de acesso do Surdo é visual. É por meio da língua de sinais que ele apreende as informações do mundo. Assim, para que o Surdo não seja excluído, deve-se garantir acesso comunicacional pela língua de sinais. Reiteramos que a imposição da língua portuguesa oral e a atribuição de incapacidade ao Surdo decorre de atitudes Eu-Isso estabelecidas no ambiente escolar e que se ancoram em RS negativas acerca deste aluno.

Tais representações, por sua vez, são reflexos de atos de rejeição, recusa, preconceito e atribuição de incapacidade que a pessoa ouvinte possui sobre o aluno Surdo. Com isso, essas atitudes muitas vezes podem gerar práticas de *bullying* do aluno ouvinte ao Surdo ou criam barreiras comunicacionais entre o professor ouvinte e alunos Surdos.

Sobre as atitudes que envolvem práticas de *bullying* na escola, apontamos que:

*Bullying* consiste nas atitudes agressivas intencionais e repetidas, de um ou mais estudantes contra outro (s), que ocorrem sem motivação aparente que causam dor e angústia. Estas atitudes são praticadas em uma relação desigual de poder. A característica que se destaca nesta forma de violência e que facilita a intimidação da vítima, é o desequilíbrio de poder entre o agressor e o que é agredido (NASCIMENTO, 2011, p. 112).

Desta forma, insistimos em dizer, que a ausência de diálogo, assim como, a intolerância e o desrespeito fortemente presentes no ambiente escolar, caracterizados como *bullying*, ocorrem devido as barreiras comunicacionais existentes nos relacionamentos estabelecidos no âmbito escolar - professor e aluno ou aluno e aluno.

A partir da comunicação, os sujeitos agem, criam e recriam um ambiente social da vida. A produção simbólica dá vazão a um corpo de conhecimento previamente teorizado, por meio dos atos de fala e da cooperação existente nas suas ações (TESKE, 2014, p. 162).

Assim, é preciso que a escola se posicione de forma crítica, frente às atitudes Eu-Isso as quais, em grande medida, reproduzem as barreiras comunicacionais entre Surdos e ouvintes, para que desta forma, a escola se torne de fato um espaço de relações Eu-Tu, com atores mais favoráveis ao exercício da cidadania e, por conseguinte, do respeito às diferenças linguísticas do aluno Surdo.

Como expusemos no início deste tópico, as atitudes docentes podem ser metaforizadas por meio de um despetalar de flores em um bem me quer e mal me quer. Seguindo a filosofia buberiana “o homem não é bom, o homem não é mau, ele é no sentido do eminente, bom e mau” (BUBER, 1982, p. 127). No contexto da escola sempre existirão atitudes Eu-Tu e Eu-Isso, pois “o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem” (BUBER, 2011, p. 72).

Desta maneira, acreditamos que na escola, professores e alunos devem fortalecer os vínculos sociais e afetivos, assim como as relações Eu-Tu por meio do respeito às diferenças, no sentido de instituir o diálogo e a aproximação a

partir do uso e difusão da Libras, para que haja o envolvimento dos diferentes grupos que se constituem na escola, em especial o grupo de alunos Surdos.

## CONCLUSÃO

Este trabalho visou analisar as Representações Sociais de professoras sobre as atitudes estabelecidas com alunos Surdos no contexto escolar de Breves - Pará. Consideramos que conseguimos alcançar este objetivo e, desta forma, revelamos que na escola são estabelecidas atitudes docentes ambivalente com os alunos Surdos, isto é, ora as atitudes Eu-Tu são instauradas no seio dessa interação, sendo que em muitos momentos ocorrem as atitudes Eu-Iso por parte de outros professores para com os alunos Surdos.

No presente estudo tornou-se evidente que a relação Eu-Tu é um reflexo do uso da Libras no ambiente escolar, uma vez que a Libras é o elemento que proporciona afinidade, boa relação e aproximação com os Surdos; que os esforços e as tentativas de realizar a comunicação em Libras contribuem para uma boa relação professor-aluno Surdo; as atitudes de respeito, atenção e afetividade acontecem a partir do momento que há a comunicação em Libras; e as situações de diálogos e conversas em Libras são fatores que repercutem na aproximação entre o professor e o aluno Surdo.

Também percebemos, por meio deste estudo, que na escola as ações Eu-Iso estão cotidianamente presentes por meio de atitudes que revelam a discriminação ao aluno Surdo e que, por vezes, tal discriminação parte do professor que não sabe Libras; alguns agentes escolares pensam que a Libras é formada apenas por um conjunto de gestos e que todo Surdo sabe oralizar; a ausência da Libras cria atitudes de rejeição, recusa e preconceito entre Surdos e ouvintes; os alunos Surdos são vistos por meio de imagem de incapacidade no âmbito escolar; o *bullying* na escola, por vezes, ocorre do aluno ouvinte em relação ao aluno Surdo; e o professor do AEE atua em alguns momentos como um elemento que está na escola para remover as barreiras comunicacionais.

Assim, é preciso que a escola se posicione de forma crítica, frente às atitudes Eu-Isso as quais, em grande medida, reproduzem as barreiras comunicacionais entre Surdos e ouvintes, para que desta forma, a escola se torne de fato um espaço de relações Eu-Tu, com atores mais favoráveis ao exercício da união e reciprocidade e, por conseguinte, busque efetivar, de maneira plena, atitudes que demonstrem a cada dia o respeito às diferenças linguísticas do aluno Surdo.

Desta maneira, acreditamos que na escola, professores e alunos devem fortalecer os vínculos sociais e afetivos, assim como as relações Eu-Tu por meio do respeito às diferenças, no sentido de instituir o diálogo e a aproximação a partir do uso e difusão da Libras, para que haja o envolvimento dos diferentes grupos que se constituem na escola, em especial o grupo de alunos Surdos.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2011.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. *Eu e Tu*. Tradução do Alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2011.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*- São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

IBGE. Censo 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2018.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LOPES, Maura Corcini. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUDWIG, Antônio Carlos Will. *Fundamentos e práticas da metodologia científica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LULKIN, Sérgio Andrés. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MENEZES, Eliana de Jesus. Representação Social e a pesquisa na formação do professor. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. (Org.). *Representações Sociais: letras imagéticas*. Salvador: Quarteto, 2011. p. 43-59.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 34ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 9-21.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. RJ: DP&A, 2006.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. *A identidade da Teoria das Representações Sociais*. Revista Ver a Educação. Belém: UFPA-Centro de Educação, V. 10, nº 1 e 2 (jan/dez), 2004, p. 71-92.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013.

SILVA, Ângela Carrancho. *A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar*. In: FERNANDES, Eulália (Org.). *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 39-50.

SILVA, Edileide Maria Antonino da. Bem me quer, mal me quer: a representação social do professor da escola pública de Salvador. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares (Org.). *Representações Sociais: letras imagéticas*. Salvador: Quarteto, 2011, p. 61-74.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças* (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2010.

TESKE, Ottmar. Surdo: um debate sobre letramento e minorias. In: LODI, Ana Claudia Balieiro. *Et al* (Org.). *Letramento e minorias*. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.